

The background of the cover is a light orange color with a faint, stylized map of a region. Overlaid on the map are several detailed blue line drawings of archaeological site plans, showing various structures, walls, and courtyards. A thick, white, curved line sweeps across the middle of the cover, separating the title area from the lower half.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrochino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

CENTRO INTERPRETATIVO DO URBANISMO E DA HISTÓRIA DO CRATO – RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Susana Rodrigues Cosme¹, Tânia Maria Falcão², Heloísa Valente dos Santos³

RESUMO

Na Praça do Município da vila do Crato, destaca-se um edifício, talvez o mais icónico do centro histórico, não tanto pela sua imponência, mas pela sua relação com a Varanda do Prior – Imóvel de Interesse Público desde 1983. Este espaço, agora alvo de intervenção de requalificação para funcionar como Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato, remontará ao séc. XVII. Ao longo do tempo, no entanto, o edifício sofreu muitas e pouco criteriosas alterações que muito o modificaram, chegando aos nossos dias em completa ruína. Logo após as primeiras ações de preparação da área de intervenção para colocação de laje de betão e pilares, foi possível perceber a existência de estruturas negativas / silos, todas elas com afetação direta pelas infraestruturas a construir.

A necessária intervenção arqueológica efetuada permitiu identificar 9 silos, com tamanhos e formas diferenciadas, alguns deles sob as paredes atuais do edifício. Os materiais recolhidos são diversos e típicos nestes contextos, nomeadamente cerâmica (comum, vidrada e faiança), metais diversos (moedas, alfinetes) entre outros. Através do seu estudo será possível compreender as dinâmicas e vivências das populações que habitaram neste espaço. De igual forma tentaremos contribuir para o conhecimento efetivo das produções cerâmicas locais e regionais do Alto Alentejo (Flor da Rosa e Estremoz).

Palavras-Chave: Crato; Medieval/Moderno; Silos; Cerâmicas.

ABSTRACT

In the Município's plaza of Crato a building stands out. It is perhaps the most iconic of the old city, not for its size but for its connection with the *Varanda do Prior*, a protected heritage site since 1983.

The building in question, now being requalified as an Urbanistic and Historical Interpretive Center of Crato, was built in the XVIIth century. Throughout the centuries, the building suffered quite a few alterations, some not so subtle, being in a ruinous state today.

Since the beginning of the construction work, to place the concrete slab and pillars, a series of negative structures/silos, all of which would be destroyed during the requalification.

The archaeological intervention allowed for the identification of a total of nine silos, of different shapes and sizes, some of which were under the walls of the current building. The materials collected are diverse, though typical of this type of archaeological context, such as common and glazed ceramics, earthenware, coins and pins, among others. The study of these materials will allow us to better understand how people lived in the area. It will also allow for a better understanding of local and regional pottery productions of the Alto Alentejo region, namely *Flor da Rosa* and *Estremoz*.

Keywords: Crato; Medieval/Modern; Silos; Ceramics.

1. Arqueóloga ArcheoEstudos, Investigação Arqueológica Lda.; CITCEM / susanarodriguescosme@gmail.com

2. Arqueóloga ArcheoEstudos, Investigação Arqueológica Lda. / tania@archeoestudos.com

3. Arqueóloga ArcheoEstudos, Investigação Arqueológica Lda. / heloisa@archeoestudos.com

1. INTRODUÇÃO

No centro da vila do Crato, na Praça do Município, (freguesia do Crato e Mártires, concelho do Crato, distrito de Portalegre), localiza-se um edifício em ruínas entre dois espaços pertencentes à Câmara Municipal. Este edifício teve como última utilização um açougue, do qual apenas restavam uns tanques em tijolo, pedra e cimento, de cronologia contemporânea. Este lote em ruínas foi adquirido pelo Município do Crato, que lançou uma obra de requalificação do espaço com o objetivo de nele instalar um Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato, projeto do arquiteto José Manuel Nunes. A intervenção arqueológica foi adjudicada à empresa de arqueologia Archeo'Estudos, Investigação Arqueológica, Lda que desenvolveu os trabalhos de campo em novembro de 2022, para a empresa de construção Wikibuild, S.A..

2. PRÉ-EXISTÊNCIAS

Neste edifício destacam-se três elementos com os quais partimos para este estudo, embora num deles não estar previsto qualquer intervenção:

1. A denominada Varanda do Grão-Prior, sendo esta “varanda” mais concretamente uma galilé. Este elemento é monumento classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1983. Estaria adossada a um edifício do qual se desconhece a planta, funcionalidade e localização, surgindo autónoma face ao edificado que hoje lhe serve de fundo, não sendo objeto de intervenção nesta obra.
2. A porta em ogiva que rasga a parede que separa a sala 1 e a sala 2. Nesta porta destaca-se uma inscrição invertida o que sugere que os elementos foram ali (mal) recolocados. Nessa inscrição lê-se [Lo m fc] com a leitura: Lourenço mandou fazer.
3. A sala das abóbadas. Nesta sala apenas se prececeu à picagem das paredes, pois a argamassa estava em muito mau estado, apresentando já cimento sobre a mesma. Não se mexeu no subsolo nem nas abóbadas desta sala.

Embora não se conhecessem condicionantes arqueológicas, pela presença dos elementos acima mencionados e por se integrar no núcleo medieval da vila este projeto foi objeto de acompanhamento arqueológico.

Em 1160, D. Afonso Henriques, conquistou o Crato para jamais deixar de ser terra portuguesa. Nessa época, fora da vila, a muito pequena distância,

encontrava-se o antigo Convento de Santo António, que foi de frades franciscanos. Como podemos ver, na Fig. 2, o convento de Santo António encontra-se fora da linha amarela.

Em 1232, o rei D. Sancho II deu o primeiro foral à vila e doou-a à Ordem dos Hospitalários, sendo seu Prior, Mem Gonçalves. Esta Ordem estabeleceu-se em Portugal no tempo de D. Afonso Henriques, em Leça, arredores do Porto, tendo sido seu primeiro Prior, um irmão do rei.

No tempo de D. Afonso IV, por volta de 1340, do Crato partiu o Prior, D. Álvaro Gonçalves Pereira, com os cavaleiros da Ordem dos Hospitalários, para tomar parte na batalha do Salado.

Após a batalha, o priorado do Crato transformou-se em cabeça da Ordem, passando o seu Prior e os seus sucessores a usar o título de Prior do Crato.

Assim, aqui se estabeleceu a capital do Priorado que possuía vinte e três comendas e as seguintes terras e termos: Crato, Amieira, Belver, Cardigos, Carvoeiro, Sertã, Envendos, Oleiros, Gáfete, Tolosa, Pedrógão Pequeno e Proença-a-Nova.

O rendimento anual do Priorado, no século XIV, era de quarenta e cinco contos de réis. O Grão-Prior do Crato tinha poder espiritual e temporal, com jurisdição episcopal, motivo pelo qual não estava subordinado a prelado algum.

Foi, portanto, D. Álvaro Gonçalves o seu primeiro Prior, sendo os componentes da comunidade frades batalhantes – guerreiros e monges – que juravam votos de humildade, pobreza e castidade, o que não impediu o Grão-Prior de ser progenitor de trinta e dois filhos, incluindo D. Nuno Álvares Pereira. Foi D. Álvaro o pai de D. Nuno Álvares Pereira. Para instalação da Ordem, mandou edificar na aldeia da Flor da Rosa, arrabaldes do Crato – o Mosteiro, que passou a ser, desde então, a casa-mãe da Ordem do Hospital, em Portugal.

A partir do século XVI a Ordem do Hospital ganhou a denominação de Ordem de Malta, nome que ainda hoje conserva.

Este espaço localiza-se no segundo núcleo urbano, a vermelho na Fig. 2, sendo que o primeiro é o morro do Castelo/Fortaleza, a verde na Fig. 2, e a terceiro núcleo urbano de época medieval/moderno marcado a amarelo na Fig. 2. Segundo uma imagem do arquiteto Pedro Nunes Tinoco de 1620 esta zona era um único espaço com galilé virada ao cruzeiro com 4 arcos (TINOCO; 1620, fl1).

O edifício agora alvo de intervenção de requalifica-

ção para funcionar como Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato, remontará ao séc. XVII. Pensa-se que aqui se localizaria o Palácio ou o Cartório do Prior do Crato e que, no contexto da Guerra da Restauração, a 29 de outubro de 1662, quando a vila foi cercada e conquistada pelas tropas espanholas sob o comando de D. João de Áustria, tenha sido destruído. Sabe-se que no incêndio decorrente, foram consumidos todos os documentos do Cartório e Arquivo do Priorado da Ordem sem se saber da sua localização exata. Nessa época e conquistada a Praça (núcleo do Castelo/Fortaleza) que tinha uma pequena guarnição, o governador André de Azevedo e Vasconcelos e o Sargento-Mor, Gonçalo Chaves, foram enforcados por ordem do general espanhol e a vila completamente arrasada e saqueada. Após esta data, este local seria reconstruído com outra configuração e outras funções, com os elementos restantes de tal destruição. Talvez por isso se compreenda a localização da *Varanda do Prior* entre dois edifícios distintos e com alguns elementos duvidosos ou réplicas das originais. Também assim, se compreende que a porta em ogiva que separa a sala 1 da sala 2, apresente os seus elementos em granito invertidos.

Ao longo do tempo o edifício sofreu muitas e pouco criteriosas alterações que muito o modificaram, chegando aos nossos dias em completa ruína.

3. INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Logo após as primeiras ações de preparação da área de intervenção para colocação de uma laje de betão e pilares, foi possível perceber a existência de estruturas negativas / silos, todas elas com afetação direta pelas infraestruturas a construir, havendo a necessidade da realização do seu registo e escavação.

Foram identificadas 12 estruturas negativas que já haviam sido cortadas pelas paredes e piso do atual edifício e por duas canalizações: uma mais recente em pedra e cimento, U.E.-014, e uma mais antiga em telha, U.E.-032.

Estamos perante um espaço que funcionou como celeiro e que, numa primeira abordagem se percebe que se trataria de uma zona ampla e exterior aquando da sua utilização primária. Pelo menos a parede este virada à praça não existiria e a parede sul também não, visto termos silos que se prolongam para baixo das ditas paredes. Se a estrutura identificada na parede norte for a base de um silo então este es-

paço estender-se-ia também para norte.

Outra observação é que a cota de piso à altura seria bastante superior à atual, pelo menos 1 m até, 1,5 m. Os silos intervencionados estão cortados muito abaixo da cota de boca original.

Também foi possível verificar que tem cronologias diferentes o que indica que este espaço foi usado como celeiro durante bastante tempo e/ou porque os excedentes aumentaram em algum período de época medieval, havendo a necessidade de expandir o celeiro. As diferentes cronologias são atestadas quer pelos materiais exumados quer pelas relações estratigráficas, já que se cortam entre si. Também o facto de alguns se encontrarem sob as paredes do edifício comprovam a sua ancestralidade em relação ao mesmo ou seja, são anteriores à reconstrução do século XVII. O abandono deste espaço como celeiro terá ocorrido, pelo menos, no século XVII, época que se pensa que este espaço tenha sido construído. Mais uma vez, de acordo com o desenho de Pedro Nunes Tinoco, datado de 1620 (anterior à destruição de 1662), este seria um edifício único virado ao Pelourinho e com galilé, acreditamos que já não funcionasse como celeiro nesta época.

Os celeiros eram estruturas muito importantes pois guardavam a alimentação da população e por isso deviam ser muito bem guardados principalmente se fosse o celeiro do Priorado que arrecadava à época grandes receitas, como vimos, o rendimento anual do Priorado, no século XIV, era de quarenta e cinco contos de réis.

De referir ainda que estas estruturas eram silos secos, escavados na rocha. Em nenhum se verificou a sua impermeabilização, normalmente feita com pez ou com cortiça como nos casos dos silos de Castelo de Vide (CUESTA-GÓMES; PRATA; MAGUSTO: 2021,168). Apenas no silo 11 se exumou uma pedra em xisto, provável tampa do mesmo.

Na sala 1 virada para a Praça do Município foram identificados 10 estruturas negativas sendo que apenas 9 foram escavadas, uma apenas foi registada no corte da parede norte e outra das estruturas escavadas não foi classificada como silo.

Para esta apresentação e apesar de não ser o silo 8 aquele que apresenta o espólio mais antigo, centrámo-nos no seu estudo, uma vez que não foi possível, em tempo útil, realizar o estudo de todo o conjunto exumado na intervenção arqueológica.

Na sala 2 foi escavado 1 silo e identificada uma estrutura negativa no corte da parede este.

Foram identificadas e intervencionadas as seguintes estruturas negativas entre os dois espaços identificados como Sala 1 (Ver Fig. 3) e Sala 2:

- Silo 1 – Silo ovalado (1,30x0,70 m), identificado junto à parede sul da Sala 1 e que prolonga para baixo da mesma. Foi parcialmente escavado com as U.E.-002 (enchimento com 193 fragmentos de espólio); U.E.-019 (enchimento com 28 fragmentos de espólio); U.E.-003 (interface) e registado no perfil sul.
- Silo 2 – Silo ovalado (1,30x0,60 m), identificado junto à parede sul da Sala 1, prolonga-se para baixo da mesma. Foi parcialmente escavado com as U.E.-004 (enchimento sem espólio); U.E.-005 (interface).
- Silo 3 – Silo ovalado (1,90x1,65 m), identificado na Sala 1, encontra-se cortado pelo interface, U.E.-014 da canalização em pedra, U.E.-015. Foi escavado com as U.E.-006 (enchimento com 1073 fragmentos de espólio incluindo fundos de disco); U.E.-007 (interface).
- Silo 4 – Silo ovalado (1,80x1,50 m), identificado na Sala 1, encontra-se cortado pelo interface, U.E.-014 da canalização em pedra, U.E.-015. Foi escavado com as U.E.-008 (enchimento com 983 fragmentos de espólio incluindo fundos de disco); U.E.-009 (interface).
- Silo 5 – Silo ovalado (1,20x1,52 m), identificado junto à parede este da Sala 1, prolonga-se para baixo da mesma. Foi escavado com as U.E.-010 (enchimento), U.E.-020 (enchimento com 77 fragmentos de espólio); U.E.-011 (interface).
- Silo 6 – Apenas foi identificado e registado no corte norte da Sala 1, não foi escavado e pode não ser silo ou então encontra-se bastante destruído tal como o silo 8. Foram atribuídas as U.E.-012 (enchimento); U.E.-013 (interface), no desenho do corte norte. Trata-se de uma estrutura negativa com forma cilíndrica com 0,90x0,30 e sem espólio por não ter sido intervencionada.
- Silo 7 – Silo ovalado de fundo aplanado (1,80x0,50 m), localiza-se no que é hoje a sala 2, junto ao canto NE, próximo do silo 8 e também bastante destruído. Foram atribuídas as U.E.-017 (enchimento com 106 fragmentos de espólio), U.E.-021 (enchimento com 129 fragmentos de espólio) e U.E.-018 (interface).
- Silo 8 – Silo ovalado de fundo aplanado (1,80x0,70 m), identificado na Sala 1, encontra-se bastante afetado, embora o que tenha sobrado se encon-

tre colmatado com bastante material cerâmico e bastante uniforme em termos cronológicos, por isso foi escolhido para estudo neste trabalho. Foi escavado com as U.E.-022 (enchimento com 1740 fragmentos de espólio) e U.E.-023 (interface).

- Silo 9 – Silo ovalado de fundo aplanado (1,60x0,70 m), esta estrutura foi identificada na Sala 1 e corta o silo 5. Foi escavado com as U.E.-026 (enchimento com 84 fragmentos de espólio) e U.E.-027 (interface).
- Estrutura negativa 10 – Estrutura de forma sub-retangular (0,80x0,30 m) cheia com fragmentos de tijolo, pode ter sido um silo mas foi colmatado de forma a nivelar o terrenos para colocação de piso da Sala 1. Foi escavado com as U.E.-025 (enchimento com 22 fragmentos de espólio de cronologia contemporânea); 029 (interface).
- Silo 11 – Silo ovalado (1,80x1,15 m), foi identificado na Sala 1 e escavado com as U.E.-030 (enchimento com 472 fragmentos de espólio); U.E.-031 (interface). Esta estrutura é cortada pela canalização em telha (U.E.-032) e pelo piso do edifício atual.
- Estrutura negativa 12 – Estrutura de forma cilíndrica (0,75x0,50 m), registada no corte este da sala 2 com as U.E.-033 (Enchimento); 034 (interface). Não escavado e sem espólio.

4. SILO 8

O silo 8 encontrava-se, como referimos, bem visível e cortado na rocha-base após a remoção do piso atual. Apresentava um diâmetro de cerca de 1,80 m de largura máxima, o que fazia antever estar a uma cota de menos de metade do seu tamanho original. Foi atribuída a U.E.-022 ao seu enchimento, caracterizado por um sedimento arenoso castanho escuro, desagregado e homogéneo. Este sedimento é, na verdade, muito reduzido pois esta camada era composta por um conjunto impressionante de espólio para área escavada.

Ao seu interface foi atribuída a U.E.-023, que corta o sedimento rochoso composto por arenito. À rocha base foi atribuída a U.E.-028. Deste silo apenas nos restou cerca de 70 cm de profundidade preservados de uma estrutura ovalada com fundo aplanado tal como os silos 7 e 9 que têm uma forma idêntica. Os restantes têm forma ovalada com fundo concavo (silos 1, 2, 3, 4, 5 e 11). Foi realizado o desenho da sua secção juntamente com o silo 11 podendo observar-se as duas tipologias de silos aqui intervencionados.

5. ESPÓLIO DO SILO 8

O espólio exumado neste silo é maioritariamente cerâmico e osteológico, surgem alguns líticos e metais: ferro, bronzes e numismas. Foram ainda exumados dois fragmentos de vidro e uma agulha em osso decorada.

A maioria do espólio é cerâmica comum ou *fosca* (GUILHERME & BATALHA: 2018, 101,113) ou *tosca* (ISIDORO: 2020, 158). São na sua maioria cerâmicas de louça vermelha de pastas alaranjadas e sem engobe ou vidrado. Foram exumados 1148 fragmentos de cerâmica comum vermelha, a maioria tratam-se de formas de louça de água e louça de ir ao fogo, nomeadamente:

Asados – Tratam-se de recipientes usados no transporte da água e/ou como reservatório da mesma. Podem ter duas, uma asa ou nenhuma asa, neste último caso chamam-se Potes. Normalmente têm capacidade para 5 litros.

Cântaros – São muito usados para transportar a água das fontes para as casas. São vasilhas com uma asa e com capacidade para cerca de 5 litros.

Cântara, Infusa ou Quarta – Formas mais pequenas que o cântaro têm uma capacidade de cerca de 1 litro e são usadas também como vasilhas para o transporte de água.

Tigelas – Existem em vários tamanhos, destacando-se aqui uma forma completa. Trata-se de uma taça de pé com o interior brunido.

Caçolas – São peças semelhantes ao alguidar, mas de ir ao lume (ISIDORO: 2020, 164). As peças que nos surgem são toscas sem vidrado.

Panelas – São usadas para cozinhar os alimentos. Equiparadas às caçolas em termos de funcionalidade. Também as panelas tinham testos.

Neste tipo de louça comum apenas foram exumados 3 fragmentos de testos e pelo seu diâmetro devem ser de panelas e não de caçolas.

Talhas – Foram ainda exumados 18 fragmentos de talhas. As talhas são muito usadas como depósito de água, de azeite, de vinho, de aguardente, conserva de azeitonas, como salgadeira de carne de porco, etc. Neste silo, apesar de apenas terem sido exumados 18 fragmentos deste tipo de recipientes, é possível identificar pelo menos 3 tipos de talhas pelas pastas e decorações. Em nenhum fragmento exumado surge vestígios de ter sido pezgado (forma de impermeabilizar a talha com pez). A decoração varia entre os cordados e aplicação plástica, antes da cozedura,

de uma tira retangular no bojo que foi também ela objeto de decoração com dedadas, formando um cordado impresso no topo superior da banda.

Para além deste grande e homogêneo grupo em termos de cronologias surgem-nos alguns fragmentos que destoam pela cronologia e pelo fabrico:

Dois fragmentos da mesma peça de faiança de fábrica com pintura esponjada a verde de cronologia contemporânea e que poderá pertencer à camada superior de assentamento do piso;

Cinco fragmentos de cerâmica vidrada de chumbo com cor castanha e melada pelo interior e exterior de cronologia moderna/contemporânea;

Quatro fragmentos da mesma peça de um testo em cerâmica preta tipo “Molelos”, com decoração incisa pontilhada formando círculos concêntricos com cronologia moderna. De referir que Flor da Rosa também produziu cerâmica preta durante algum tempo já no século XX pelas mãos de oleiros que vinham da zona de Tondela (SANTOS: 1997: 72-75). No entanto, esta loiça por ser mais fina não tinha muita saída nesta zona do país.

Uma patela em cerâmica de construção (telha);

E ainda vinte e dois fragmentos de material de construção, telhas de meia cana com aguada alaranjada. Para além do espólio cerâmico foram exumados 63 fragmentos de objetos em ferro e 49 em bronze, destes destacam-se os fragmentos de um chocalho. Material lítico apenas foram recolhidos 2 fragmentos de quartzo. Foram também exumados 2 fragmentos de vidro transparente e bastante fino, um deles um bordo talvez de um copo ou pequena taça. Foram ainda recolhidos 6 numismas ainda em fase de estudo: uma é de D. João V, não anterior a 1737, todas as outras são dinheiros em bulhão com cronologia de 1248 a 1367.

O silo 8 foi ainda o recetáculo de um elevado número de material osteológico com 418 fragmentos de fauna mamalógica. Do espólio osteológico destaca-se uma peça em osso em forma de losango, polida e decorada. Trata-se de uma agulha em osso com 8,5 cm de comprimento máximo e 1,5 cm de largura máxima, com 0,25 cm de espessura.

Apresenta-se decorada em ambas as faces com decoração incisa com círculos concêntricos: 24 na face principal e 22 na face oposta, por vezes organizam-se em linhas horizontais ou oblíquas com 3 círculos e na parte final, mais estreita com uma linha vertical com 3 círculos. Tem um pequeno orifício onde passava o fio no topo oposto ao bico, a cerca de 0.25 cm do topo da peça. O bico, como referimos, encontra-

-se fragmentado o que impede conhecermos o comprimento exato da peça. Encontramos paralelos para esta forma e decoração em Bela Fria-Tavira (COVANEIRO & CAVACO: 2012, 115). As autoras deste estudo atribuem uma datação para a peça de Tavira da 1ª metade do séc. XIII.

O espólio cerâmico exumado neste silo é, na sua maioria, bastante homogêneo em termos cronológicos. Pela tipologia e formas cerâmicas, apontamos para que o abandono da estrutura tenha ocorrido entre os séculos XII / XIII., ainda que algumas dessas formas perdurem até hoje. Pelas pastas e ausência de decorações, cremos estar perante produções locais e ou regionais. São peças utilitárias de transporte ou acondicionamento de líquidos e cerâmicas de ir ao fogo. Quer umas quer outras parecem-nos bastante resistentes pois chegaram até nós, muitas peças com forma completa. Não apresentam grandes decorações, à exceção dos cordados das talhas e de algumas linhas incisadas nas panças de algumas peças. Não foram exumadas cerâmicas de importação.

6. CENTROS OLEIROS

A aldeia de Flor da Rosa é conhecida pelo seu Mosteiro de Santa Maria mas também pela sua Olaria. Esta atividade está referenciada desde, pelo menos, o século XVII, e ocupava, ainda em inícios do século XX, a grande maioria das famílias da povoação.

O Alto Alentejo é rico em centros oleiros. Além de Flor da Rosa, há olarias em Nisa, Amieira do Tejo, Redondo, Arronches, Portalegre, Campo Maior, Estremoz, Elvas e Aldeia de Matos. Todos se dedicam especialmente ao fabrico de louça de água. As olarias do centro da Flor da Rosa fabricam em abundância, quer a louça de água, quer a louça de ir ao fogo. A fama deste centro oleiro reside na sua louça de ir ao fogo, apesar de ser de fabrico e aspeto mais grosseiro, pois não tem decorações na sua superfície externa, é uma loiça que resiste ao lume mais do que qualquer outra, dando aos cozinhados um sabor especial. Estas propriedades, segundo dizem os oleiros, vêm-lhe da qualidade do barro.

Os centros produtores de cerâmica conhecidos mais próximos do local no nosso trabalho são os de Flor da Rosa, a cerca de 3 km a norte do espaço intervenção, os de Nisa, a 27 Km a sul e os de Estremoz a cerca 60 Km. Todos eles já produziam cerâmica em finais da Idade Média, estando já amplamente expandidos durante a época Moderna.

Pela proximidade e características das pastas e das formas parece-nos que Flor da Rosa seria o centro produtor de cerâmica escolhido pelas populações do Crato durante o século XVII, mas o nosso silo tem material cerâmico do século XII/XIII e podemos referir que os silos 3 e 4 têm material cerâmico de cronologia ainda mais recuada, quer pela presença de fundos de disco quer por outras formas ainda em estudo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção realizada no edifício da Varanda do Prior resultou na identificação de um espaço de celeiro com 9 silos escavados do período medieval. O seu abandono como armazenamento de cereais ou víveres dá-se durante os séculos XII/XIII, aquando da sua colmatação, comprovado, quer pela datação das cerâmicas e dos numismas, quer ainda pela agulha em osso decorada.

Por concluir está ainda o estudo dos materiais exumados nos restantes silos. Quanto aos centros produtores da olaria exumada no silo 8, pretendemos dar continuidade a esse estudo, comparando com os restantes centros oleiros da região, nomeadamente nas formas mas principalmente nas pastas pois, como vimos, as formas perduram no tempo e no espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Castelo e Vila do Crato, por Pedro Nunes Tinoco (1620) – Livro de todas as plantas e perfis das igrejas e vilas do Priorado do Crato feito por Pedro Nunes Tinoco Architecto del rei n, S. E. do dito Priorado, fl. 1.

CARDOSO, Guilherme; BATALHA, Luísa (2018) – Silos Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer. In Joaquina Soares (Coord.), *MUSA* 5. Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS), Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS). pp. 101-114.

COSME, Susana Rodrigues (2013) – Intervenção arqueológica na extensão do Museu Alberto Sampaio (Guimarães). Contributos para o conhecimento urbanístico e actividade económica da cidade na época medieval. *I Congresso Histórico Internacional As Cidades na História: População*. Vol. II Cidade Antiga. Guimarães: Edição da Câmara Municipal de Guimarães, 2013, pp. 195-222.

COSME, Susana Rodrigues (2013) – Uma intervenção arqueológica na “Vila Baixa de Guimarães. *VEDUTA*, n.º 7. Guimarães: Oficina. pp. 26-31.

COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra (2012) – Agulha, Tavira Islâmica. Núcleo Islâmico Museu Municipal de Tavira. *Catálogo*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2012, p. 115.

COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra (2009) – Osso trabalhado de época almóada (Tavira), Xelb, 9 (Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve), pp. 712-713.

CUESTA-GÓMES, José Fabián; PRATA, Sara; MAGUSTO, João (2021) – Num buraco no chão vivia... uma história: Arqueologia dos silos medievais e modernos de Castelo de Vide: do processamento às lixeiras. In Pequenas Cidades no Tempo. O Ambiente e outros Temas. Castelo de Vide; Editora: IEM – Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide pp. 151-180. Consultado em: https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/31609334/Pequenas_Cidades_e_Ambiente_152_181.pdf.

ISIDORO, Agostinho (2020) – O centro Oleiro da Flor da Rosa (Concelho do Crato – Alto Alentejo). *Trabalhos De Antropologia E Etnologia*, 19(2). Obtido de <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/8784>.

LOPES, Flávio (coord.) (1993) – *Património Classificado – Arquitectónico e Arqueológico – inventário*, vol. II, IPPAR.

PINHO, António Brandão de (2017) – *A Ordem de Malta nos Brazões Autárquicos Portugueses*. Lisboa: Chiado Editora.

SANTOS, Heloísa Valente dos (1997) – " Primeiras impressões sobre a produção de loiça preta de Flor da Rosa" - In A loiça preta em Portugal: olhares cruzados. Porto: CRAT, pp. 72-75.

SERRÃO, Vítor (2002) – *História da Arte em Portugal: o renascimento e o maneirismo*. Lisboa: Editorial Presença. pp. 76-189. ISBN 972-23-2924-3.

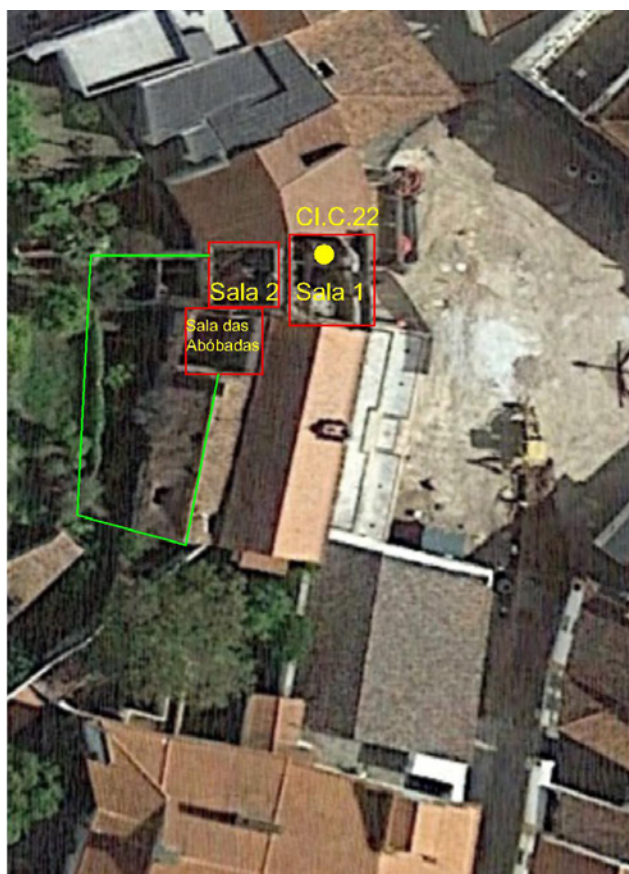


Figura 1 – Implantação do edifício intervenionado em imagem trabalhada, retirada do Google Earth.

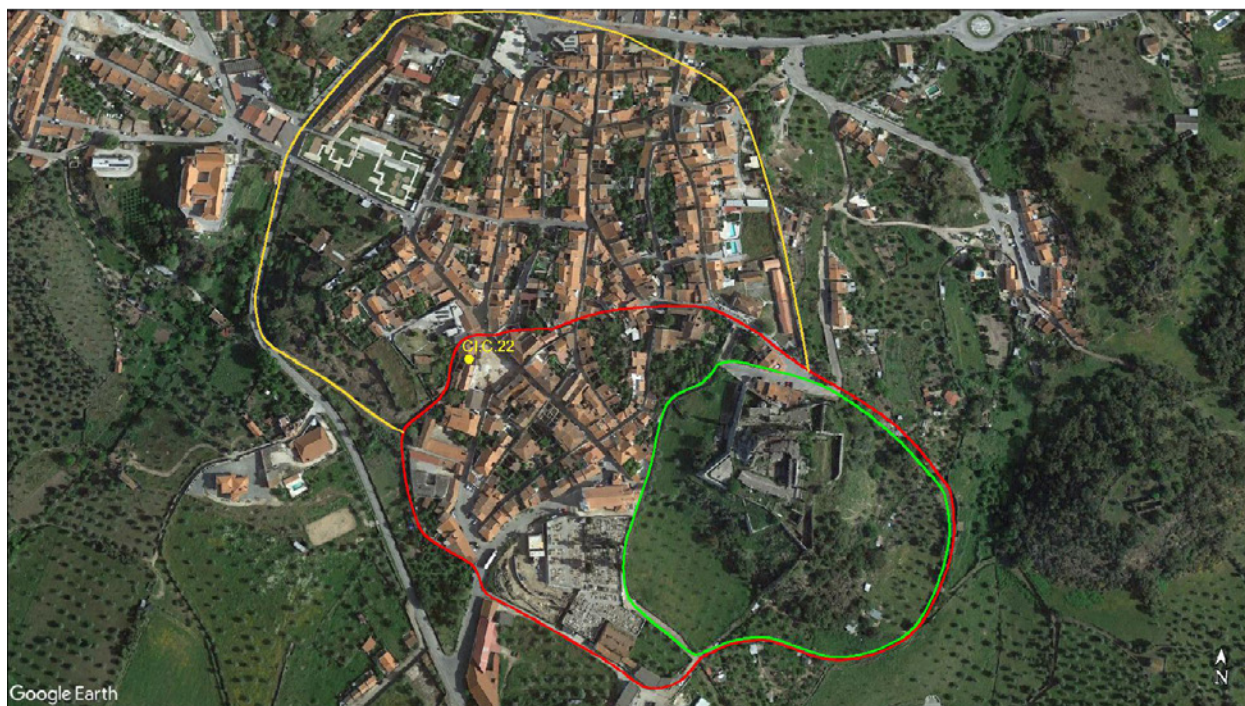


Figura 2 – Implantação do edifício, com pino amarelo, em imagem trabalhada com 3 núcleos de ocupação medieval da vila do Crato, retirada do Google Earth.

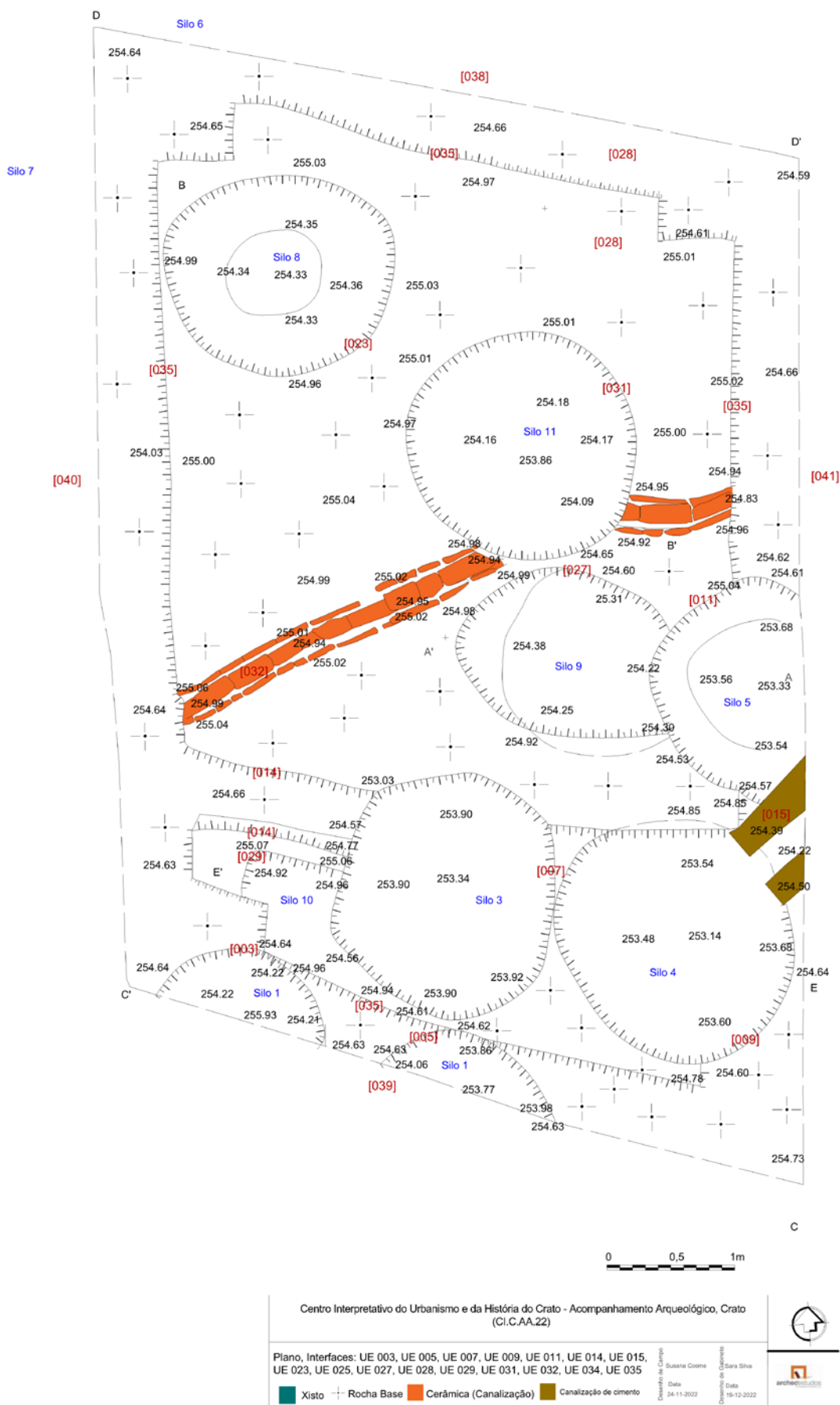


Figura 3 –Desenho da planta final dos interfaces dos silos da Sala 1.

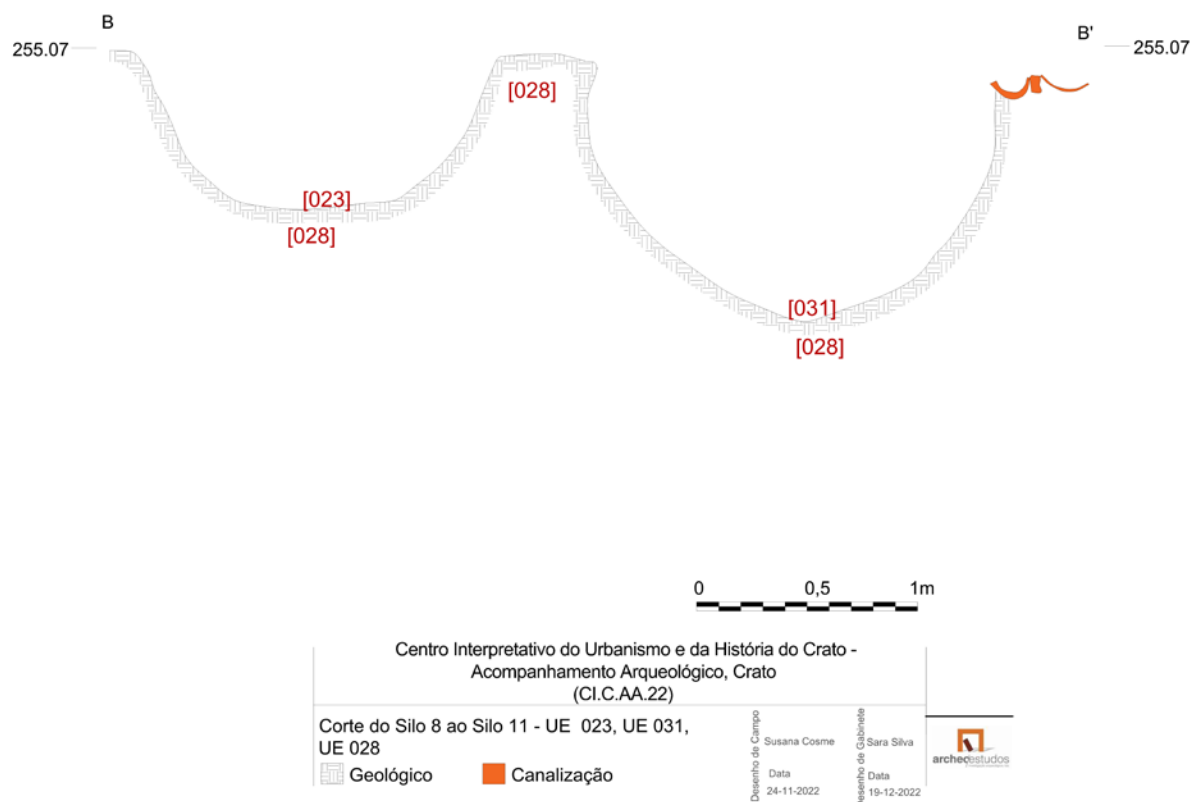


Figura 4 – Desenho do perfil do Silo 8 e do Silo 11.

SILO 8

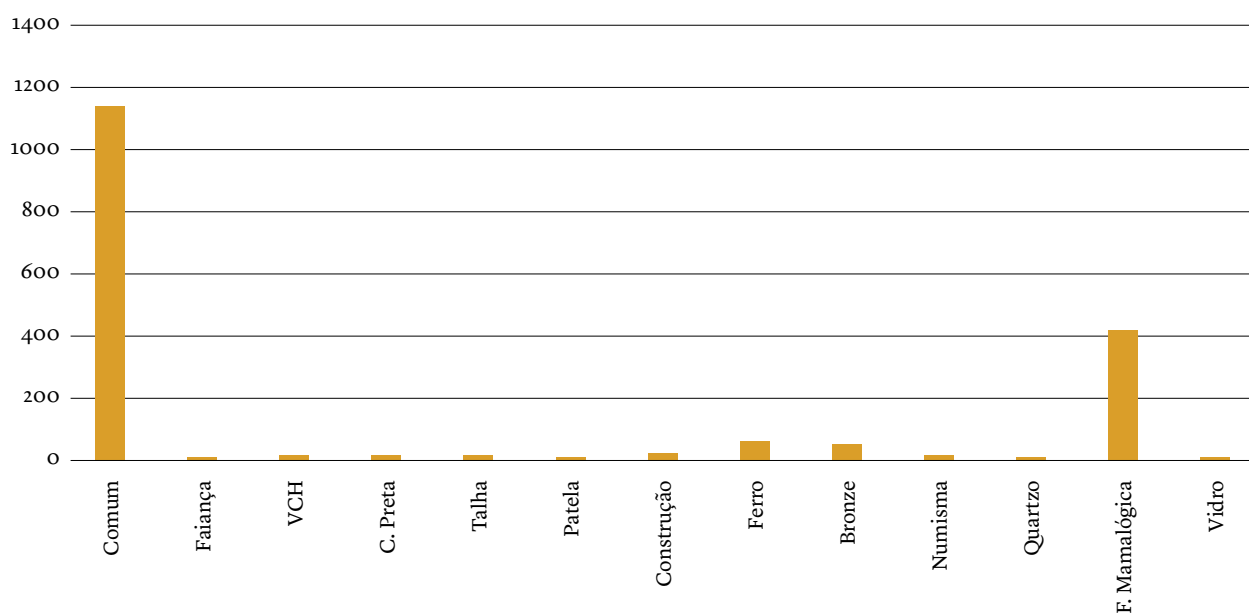


Figura 5 – Gráfico com a contagem do espólio exumado no Silo 8.



Figura 6 – Fundos de peças de louça vermelha de água, cântaros e de fogo, panelas.



Figura 7 – Bordos de louça vermelha de água, cântaros.



Figura 8 – Asas de peças de louça vermelha de água, cântaros e de fogo, panelas.



Figura 9 – Peças de louça vermelha de fogo, panelas.



Figura 10 – Agulha em osso decorada.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**